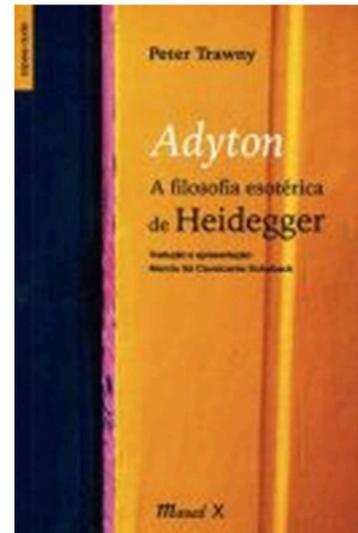


TRAWNY, Peter. *Adyton: a filosofia esotérica de Heidegger*. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Mauad X, 2013. 120p.



A coragem do pensar: recensão ao *Adyton* de Peter Trawny

ROBERTO S. KAHLMEYER-MERTENS*

No Brasil, a cena editorial da filosofia em 2015 foi creditada pela oportuna edição de *Contribuições à filosofia: do acontecimento-apropriador*. Esta obra de Heidegger é apontada como a segunda mais proeminente do filósofo e é, sem dúvida alguma, a mais relevante da fase tardia de seu pensamento. Tal publicação, mais do que criar novas possibilidades de aproximação à hermética filosofia madura do autor, despertou interesse para outro livro que, editado não faz muito tempo, teve, até então, uma recepção tímida em nosso país.

Adyton: a filosofia esotérica de Heidegger foi publicado em português em 2013 e é título assinado por Peter Trawny (Professor da Universidade de Wupertal que ganhou notoriedade especialmente depois de sua organização dos chamados *Cadernos negros*, no conjunto das “Obras completas” de Heidegger). O trabalho em pauta, desenvolvido na ambiência do *Contribuições à filosofia*, possui caráter ensaístico e entabula um diálogo com aquela obra do filósofo. Os termos deste debate é o próprio Trawny quem define já no primeiro ensaio que confere, logo de saída, ganho qualitativo ao trabalho: “Minha

tentativa aqui é apresentar, à medida do possível, uma nova interpretação de Heidegger, não em toda sua obra (quem poderia?), mas daquela parte que começa com o manuscrito *Contribuições à filosofia: do acontecimento-apropriador*” (p.25). Após indicar este que seria seu objetivo, Trawny ainda declara a principal tese de seu livro, nos deixando entrever sua compreensão de esotérico:

O pensamento de Heidegger é, no meu entender, essencialmente esotérico [...]. Para Heidegger, o pensamento é uma travessia incessante para o *adyton*, uma resposta sempre ainda pendente à sua própria im-possibilidade. O futuro da filosofia talvez dependa disso, a saber, se ela é ou não essa resposta pendente, essa abertura. (p.26).

Como se vê, a ideia da filosofia esotérica em Heidegger nada tem a ver com doutrinas de irmandades iniciáticas. Ao contrário disso (que sugere uma conduta gregária), o esotérico na filosofia de Heidegger seria indicativo do caráter solitário e recatado deste pensamento. É isso que indica a ideia paradigmática de *adyton*, oferecida por Trawny: o nicho no coração dos templos no qual aconteciam

rituais de cura e reabilitação; o *ethos* no qual qualquer mortal que ali adentre experimentaria, de modo singular, o mais divino; o âmbito impermeável cujo pensamento de Heidegger é ensejo e descrição do sentido que dali se subministra.

A cunhagem de tal ideia apenas é possível no entorno da conceptualidade do *Contribuições à filosofia*, de sorte que a noção de *interioridade* (*Innigkeit*) (cara a Trawny, a ponto de propor que esta seria a *palavra mais fundamental do pensamento de Heidegger*) só é admissível distante do período fenomenológico no qual este filósofo estaria mais imediatamente ligado à superficialidade originária do fenômeno. A interioridade que faz da filosofia heideggeriana um pensamento esotérico indica, paradoxalmente, uma intimidade com o inacessível.

Para Peter Trawny, tal filosofia da intimidade se realiza no seu ímpeto ao doméstico, tratar-se-ia de uma filosofia feita na familiaridade de um *domus*, de um *lar*. Sem fazer de Heidegger um “nostálgico da pólis”, o livro nos mostra o quanto o pensamento deste filósofo – a exemplo do de Novalis – se faz no anseio de estar em casa mesmo diante do inacessível. Não seria preciso prosseguir mais para se ver o quanto tal filosofia soaria estranha ao fazer acadêmico. No espaço universitário (apontado por Trawny como uma extensão da *public sphere*), a filosofia (ainda tratada como um fazer por excelência racional) reputaria o “esoterismo” de Heidegger, na melhor das hipóteses, como um irracionalismo. Acerca desse juízo, o autor se apressa em asseverar que “[...] seria um grande mal-entendido tomar o esotérico por irracional”. (p.59).

Embora não submissa à rasa qualificação de irracional, o pensamento

esotérico de Heidegger, até onde se pode acompanhar com Trawny, seria, sim, oposto à exigência atual da filosofia acadêmica de se fazer amplamente compreensível a todos os públicos. A objeção a essa orientação racional de compreensão meridiana não constitui, todavia, renúncia ao componente hermenêutico presente na filosofia do jovem Heidegger; trata-se, antes, de contradizer um gesto planificador que pretende reduzir a filosofia a um discurso tão acessível quanto cambiável por meio de procedimentos metodologizantes, didatizantes. Nesse contexto, assegura novamente Trawny, com Heidegger: “se fazer compreender’ é o ‘suicídio da filosofia’”. (p.27).

Uma mostra de que Trawny não descarta da compreensão hermenêutica é a preocupação em pensar os intérpretes das meditações possíveis a partir dessa iniciativa esotérica. Uma sequência de quatro títulos (“O destinatário I”, “O destinatário II. Festas da abertura”, “O destinatário III. Assimetrias. Banalidades” e “O destinatário IV. O estranho”) pauta perguntas como: “Para quem fala o filósofo? Para quem ele dedica seu texto? Quem ele quer alcançar?” (p.35); essas, em parte, são respondidas pelo próprio autor quando, comentando a obra *Contribuições à filosofia*, nos diz que ela estaria: “[...] de imediato destinada a uns ‘poucos’ e ‘singulares’. Esses (que) são interpelados a adentrar um modo estranho de pensar”. (p.36). Os referidos, precisamente, seriam aqueles que estariam dispostos a escutar e pertencer a tal experiência de pensamento.

No interior do livro do professor de Wupertal, outros títulos também podem ser agrupados, é o caso do tríptico: “Domínio I”, “Domínio II. Povo no

Evento”, “Domínio III. O deus e seu povo”, e também dos dípticos: “A esfera pública I”, “A esfera pública II. Festas de abertura”; “No mais íntimo I”, “No mais íntimo II. Mulheres e lar.” De modo geral, nesses tópicos, se perfila o pensamento tardio de Heidegger como uma filosofia do *recato*, da *intimidade* e do *silêncio*, um pensamento que vê na esfera pública uma experiência de dispersão, que pensa o acontecimento-apropriador na consonância com a história e com um povo histórico e que ressalta o quanto Heidegger recrudescer como um pensador do ser no período adiantado de sua obra.

Junto a esses, ressalte-se também títulos como: “Ler o ilegível”, “Dizer o indizível” e “Hölderlin – espaço da palavra”. Esses tópicos (que também poderiam ser lidos agrupados) ressaltam, de modo peculiar, o quanto o pensamento do acontecimento-apropriador de Heidegger é caudatário de intuições já contidas no repertório poético de Hölderlin e de Stefan George e mais, o quanto a apropriação que Heidegger faz de Hölderlin já se dá seguindo as passadas do outro mencionado vate.

Com remissões a Max Weber e a Adorno, além das felizes lembranças de Leo Strauss e da escola filológica de Hans Joachim Krämer (que, ao lado de seus discípulos Gaiser e Szlézak, sustentou uma doutrina não escrita em Platão), o livro tem uma lida inteligente com a filosofia de Heidegger que merece ser conferida.

Muito embora Trawny cunhe, a partir de Heidegger, conceitos que pretendam contribuir com interpretação crítica do filósofo de Freiburg (ao exemplo: o *adyton*, o esotérico, a intimidade e a atopia), até o momento, ao menos no Brasil, essas noções não se mostraram influentes nas leituras e pesquisas sobre

Heidegger. Apesar desse diagnóstico precoce, tal obra, pelo arrojo de sua abordagem e posições (que, sendo certamente inovadoras, não se deixam tomar por afetos autorais), pelo bom êxito de suas interpretações e análises, pela elegância em sua expressão e, sobretudo, pela coragem de pensar a partir de *Contribuições à filosofia, Adyton: a filosofia esotérica de Heidegger* pode ser considerado um documento repleto de qualidades filosóficas apreciáveis.

Com tradução bem estabelecida por Marcia Sá Cavalcante Schuback (versão cuja única aresta é o uso um tanto oscilante entre as opções de tradução do difícil termo alemão *Ereignis*), o livro também traz um aparato introdutório assinado pela tradutora, que, embora delongado, bem se presta ao propósito de apresentar a obra em apreço.

Recebido em 2015-07-22
Publicado em 2015-11-14



* **ROBERTO S. KAHLMEYER-MERTENS** é Professor adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. Doutor em Filosofia formado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.